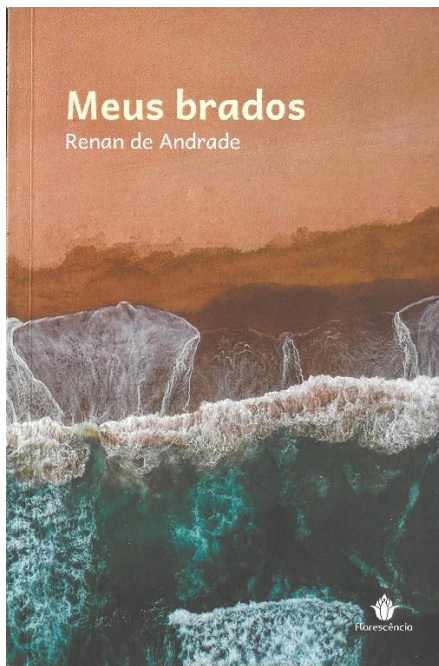


ANDRADE, RENAN DE. *MEUS BRADOS*. VITÓRIA: FLORESCÊNCIA, 2024.



(Foto sem crédito)

Renan de Andrade*

Graduado em Letras-Português pela Universidade Federal do Espírito Santo, iniciei minha carreira de escritor — concomitante à minha atuação profissional como professor de redação e de literatura brasileira — com o livro de poemas *Cenho* (2008), em que, em vez

* Escritor (Vitória, 1987), graduado em Letras-Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Autor de *Cenho* (poesia, 2008) e *Poemas riscados* (2016).

do nome civil Renan Braga Andrade, assino Renan de Andrade, que assumi como forma de homenagem e, também, por ser comum aos grandes poetas que me inspiram: Mário, Drummond e Oswald.

O livro *Meus brados*, publicado em 2024 pela editora Florescência (um ramo da editora Cândida), é uma obra que se coloca no espaço de fricção entre o grito e o silêncio, entre a confissão íntima e a denúncia social. Mais do que um conjunto de poemas, o livro se apresenta como uma cartografia emocional e política de um eu que se recusa a ser contido. O título, já de partida, anuncia sua disposição em expor a palavra como força bruta, em gritar contra o mundo e contra si mesmo, em transformar a poesia em matéria de resistência e sobrevivência. Tais aspectos derivam de um percurso de leitura e inspiração marcado desde a adolescência em Vitória, onde nasci em 1987.

Como expus numa entrevista dada à Hi7.co, em 2016, eu comecei a escrever bem cedo, e Álvares de Azevedo foi um dos meus primeiros cicerones poéticos. E como ele é um autor que também encanta por sua biografia controversa, mergulhei fundo na leitura de livros como *Lira dos vinte anos*, *Macário* e *Noite na taverna*. O efeito disso se percebe nas várias referências em *Cenho*. Soma-se a isso tudo, o discurso de Renato Russo, em seu último disco, *Legião Urbana - A tempestade ou O livro dos dias*, em que se nota o ambiente nebuloso, a melancolia, as saudades, as despedidas; tudo isso, ao me ver, dialogava também com o Romantismo de Azevedo. E sendo Russo também um grande cicerone, me deixei influenciar bastante (ANDRADE, 2016). Essas inspirações, de natureza idealista, vêm contornando forte ou brandamente minha poesia, como em *Meus brados*.

A obra, dividida em mais de uma centena de poemas curtos, ressoa heranças de nomes fundamentais da literatura brasileira — Drummond, Bandeira, Oswald, Leminski, Piva — sem perder a singularidade da voz autoral. Se há ecos da tradição, eles não servem como moldura de reverência, mas como diálogo

inquieto, marcado por ironia, humor, lirismo, dor e uma permanente interrogação sobre o lugar da poesia na vida cotidiana.

A materialidade do grito: o poema como corpo

O poema inaugural, “Meus brados”, estabelece o tom da obra: a negação de um eu lírico universalizado em favor de um eu confessional, visceral, que não se esconde atrás da máscara da ficção. “meu poema tem urro, berro, / bílis, grito, brado, surto [...]” (ANDRADE, 2024, p. 19), verso que revela um gesto de autodeclaração estética e existencial. A poesia, nesse registro, deixa de ser exercício de contemplação para tornar-se encarnação: ela é corpo, voz, excesso.

Esse movimento se confirma em textos como “Visceral” (p. 104), em que o eu poético reconhece que o que escreve não vem da razão ou do cálculo formal, mas do próprio átrio, do sangue que escorre pela mão. Trata-se de uma poética de intensidade, em que a linguagem se aproxima mais da pulsação do que da medida.

Ainda que curtos, os poemas carregam densidade, como se fossem disparos — pequenos fragmentos que condensam dores, memórias, críticas e epifanias.

Entre memória e perda: o lirismo íntimo

Um dos eixos mais fortes do livro é a elaboração da memória pessoal, especialmente atravessada pela ausência materna e paterna. Poemas como “Mãezinha” (p. 51) e “O adeus” (p. 87) são carregados de afetividade, mas não cedem ao sentimentalismo fácil. No primeiro, por exemplo, há o reconhecimento da astúcia divina ao não tornar as mães imortais, justamente para que o filho pudesse ter a quem pedir colo até no céu. Já o segundo é mais narrativo,

expondo a despedida da mãe em imagens pungentes — as roupas no varal, o medo da chuva, o neto que se torna sol.

Esse viés memorialístico também aparece nas “faixas bônus”, em que recupero lembranças da infância, do convívio familiar, da juventude. Há nesses textos uma aproximação entre prosa poética e confissão, que amplia o campo do livro e o torna mais heterogêneo. Se em muitos momentos os poemas são concisos, nesses trechos me permito narrar, expandir a voz, como quem abre um diário íntimo ao leitor.

A ironia como arma: crítica social e política

Outro ponto de destaque em *Meus brados* é o uso da ironia para tensionar questões sociais, políticas e culturais. Há uma recuperação, à minha maneira, da veia oswaldiana do deboche crítico. Em “Perigos da Black Friday”, por exemplo, ironizo a mercantilização dos afetos, ao imaginar “afetos / com / até / 70% / de / desconto!” (p. 40). Já “Halter Neoliberal” (p. 53), uma espécie de poema-concreto no qual a repetição obsessiva de “dinheiro” e “trabalho” contrasta com a escassez da palavra “descanso”, denuncia o ritmo alienante da sociedade capitalista contemporânea.

Há também poemas que dialogam com temas urgentes e cotidianos: a violência urbana (“Capi(e)tão” [p. 77]), a desigualdade (“Menino de rua” [p. 54]), a precarização do ensino (“Professores” [p. 42]), a intolerância (“Rusga” [p. 36]), a superficialidade das redes sociais (“Ambíguo” [p. 25], “Maçã” [p. 26]). O poeta se posiciona não como pregador, mas como cronista ácido de um tempo em que a vida parece sempre à beira do colapso.

A pluralidade de formas e tons

O livro transita entre múltiplos registros: do poema epigramático ao metapoema; da poesia lírica ao humor corrosivo; do fragmento visual à prosa poética. Essa multiplicidade, acredito, é um dos pontos fortes da obra, pois evita a monotonia e reforça a ideia de que o “brado” pode assumir diferentes timbres.

Essa pluralidade também se manifesta no diálogo com referências externas. Além dos poetas mencionados, convoco Sodré, Blank, Rita Lee, Manoel Carlos, Pixinguinha — um mosaico que revela não apenas a erudição, mas também a permeabilidade da poesia ao popular, ao midiático, ao marginal.

Nesse sentido, *Meus brados* é um livro que rejeita hierarquias culturais e aposta na mistura, no trânsito, na hibridez.

O “Poeta pronto”

Francisco Grijó, no prefácio, afirma que se trata de um “poeta pronto” (GRIJÓ, 2024, p. 17). A leitura de *Meus brados* confirma, modéstia à parte, essa impressão: trata-se de uma obra que já nasce madura, consciente de sua força e de seus limites. O poeta não teme a exposição, não teme a contradição, não teme a fragilidade. Ao contrário: é dessas zonas instáveis que sua poesia se alimenta.

Mais do que um livro que encerra um silêncio de oito anos desde *Poemas riscados*, meu último trabalho, *Meus brados* é um manifesto pessoal e coletivo, uma convocação para que a palavra recupere seu caráter de urgência. Ao transformar dor em linguagem, luto em memória, ironia em crítica, procuro dar continuidade a uma tradição de poesia brasileira que se quer vital, política e humana.

É possível que, como sugere o prefácio, o poeta já esteja sendo cobrado por novas obras. Afinal, quem grita com tanta intensidade não pode calar-se facilmente. Mas, se o futuro ainda é incerto, o presente já é certeza: *Meus brados* ecoa como um livro necessário, capaz de atravessar silêncios e marcar presença na paisagem contemporânea da literatura brasileira.

Referências:

ANDRADE, Renan de. *Entrevista a Hi7.co*. Disponível em: <<https://cultura.hi7.co/entrevista-com-o-escritor-renan-de-andrade-578bf2dc04edf.html>>. Acesso em: 13 set. 2025.

GRIJÓ, Francisco. Poeta pronto. In: ANDRADE, Renan de. *Meus brados*. Vitória: Florescência, 2024. p. 15-17.

Recebida em: 11 de setembro de 2025.
Aprovada em: 3 de outubro de 2025.